

Prédios sofrem depredação no Comércio

Foto: Jonne Roriz

PROMESSAS
Revitalização da área, tantas vezes anunciada, não aconteceu

RITA CONRADO

Os comerciantes e empresários que mantêm lojas e escritórios no Comércio estão interessados em descobrir quem é o receptor do alumínio roubado naquela área. Isso porque eles próprios são vítimas da situação. Num local onde a maioria dos prédios está sem ocupantes, os bandidos agem livremente e em plena luz do dia. Uma observação atenta mostra que as estruturas de alumínio de janelas e platibandas sumiram. Um caso claro é o Edifício Lincoln, na Rua Corpo Santo e cujos fundos dá para a Ladeira da Montanha. No prédio de 10 andares, agora apenas funciona uma loja no térreo, nos outros pavimentos os trabalhadores, por medo, simplesmente abandonaram o local.

O roubo de alumínio é um fato que já vinha sendo observado pelos comerciantes da área, mas isso era feito de uma forma discreta, sempre à noite. Mas, na semana passada, segundo o corretor de imóveis Elson Mascarenhas, eles resolveram invadir o prédio ao meio-dia, em pleno horário de trabalho. "Começaram pelas salas vazias, depois foram tirando tudo que puderam, como material de escritório, vasos sanitários e as janelas de alumínio", disse. "Como entram pelos fundos, na Ladeira da Montanha, isso só foi percebido quando os funcionários do prédio deixaram o edifício, apavorados", assinalou. Agora, os proprietários de salas e escritórios não sabem para quem apelar para resolver a situação.



Ladrões e vândalos agem livremente na antiga zona empresarial da cidade, cada vez mais abandonada e sem policiamento

"Os bandidos usam menos para tirar as coisas lá de dentro", assinalou. Para Mascarenhas, a situação é resultado do estado de abandono em que está relegada aquela área da cidade. "O policiamento é insuficiente durante o dia e já não existe a partir das 18 horas. Como os prédios estão desocupados em sua maioria, e sem vigias, eles tiram o que querem lá de dentro", disse. Alguns comerciantes, como Armino Carvalho, proprietário de uma loja de tecidos, é obrigado a usar de armadilhas para impedir a entrada de bandidos no seu estabelecimento.

"Como entravam subindo num poste ao lado da loja, coloquei graxa para que fiquem impossibilitados de subir", conta.

Zona Azul

Roubos e insegurança não são os únicos problemas daquela área, cujos comerciantes vêm aguardando com ansiedade por uma prometida revitalização. "As ruas são micetórios públicos, as calçadas estão esburacadas e os edifícios abandonados, entregues aos bandidos. Agora, já estão invadindo até os prédios onde escritórios ainda funcionam,

em pleno dia", diz o empresário Benedito Assunção, cuja loja de material de escritório foi totalmente depredada e todos os equipamentos roubados. "Utilizam os prédios também para dormir e usar drogas, como o do antigo *self-service* do Paes Mendonça, na Praça Cayru", ressalta Mascarenhas.

Para os comerciantes, cada vez mais desanimados com a situação do Comércio, a saída seria o retorno ao local de escritórios, bancos e repartições públicas. "A prefeitura poderia incentivar isso, até com a redução do IPTU, que aqui é

tão caro quanto em qualquer parte da cidade, apesar dessa situação precária", disseram. "Somente com trabalhadores aqui o comércio volta a ficar forte. As pessoas vão trabalhar, almoçar e comprar no Comércio. Do contrário, a revitalização vira somente conversa", opinam, ressaltando que a única mudança na área desde o anúncio de revitalização foi o aumento da taxa da Zona Azul, que passou de R\$ 0,50 para R\$ 1. "Isso só piora a situação dos comerciantes, já que é mais um fator desestimulante para o comprador", concluíram.

Empresas investem no social

Cresce o número de empresas baianas engajadas no ambiente social, demonstrando maior preocupação com os graves problemas em áreas como saúde, emprego e renda, educação e meio ambiente. Esta tendência foi exposta pelo mestre em Administração, Ricardo Caribé, em palestra sobre "Comunicação Organizacional e Responsabilidade Social", no II Fórum Nacional de Cidadania Empresarial, no Centro de Convenções.

No encontro, que reuniu 30 casos de empresas nacionais que investem recursos na área social, Ricardo Caribé afirmou que a tendência mundial, que começou na década de 50 nos Estados Unidos, vem ganhando cada vez mais adeptos na Bahia. Para ele, as empresas estão apresentando uma nova postura diante do ambiente social, deixando de viver à margem da comunicação social. "As organizações empresariais estão assumindo seu papel de atores sociais e isto representa um grande passo não só para elas, mas para toda a sociedade", assinalou.

Profissional de comunicação organizacional, Caribé disse que as ações que caracterizam a responsabilidade social das empresas não são uma "jogada de marketing" ou apenas para melhorar a "imagem externa", mas uma real mudança de postura diante dos problemas sociais. Ele citou como exemplo a iniciativa do Cofic, no Pólo Petroquímico, que criou o Conselho Comunitário Consultivo da região industrial, reunindo dez representantes de Camaçari e dez de Dias D'Ávila. Este órgão reúne-se de dois em dois meses para acompanhar as mudanças na área, desde os casos de acidentes até a implantação de novos projetos para reduzir o impacto ambiental.